Jābāla Upaniṣad

(Nº 13. Saṃnyāsa. Yajur-Veda Branco)

Tradução em inglês de Patrick Olivelle - 1992

Tradução em português de Eleonora Meier - 2018

1

Bṛhaspati disse a Yājñavalkya: "Diga-me o que é comparável ao campo dos Kurus[1] como a área sacrifical dos deuses e como o lugar de Brahman aberto a todos os seres."

Yājñavalkya disse: "Avimukta[2] é realmente o campo dos Kurus; ele é a área sacrifical dos deuses e o lugar de Brahman aberto a todos os seres. Onde quer que ele[3] vá, portanto, ele deve pensar nesse lugar desta maneira: 'Esse é de fato o campo dos Kurus; a área sacrifical dos deuses e o lugar de Brahman aberto a todos os seres.' Pois aqui,[4] quando os ares vitais partem de uma pessoa, Rudra revela a prece salvadora[5] pela qual ele se torna imortal e alcança a libertação. Portanto, um homem deve viver apenas em Avimukta, e ele nunca deve abandonar Avimukta."

"Isso é realmente assim, ó Yājñavalkya."

2

2.1. Então Atri perguntou a Yājñavalkya: "Como eu posso conhecer esse eu infinito e imanifestado?"

Yājñavalkya respondeu: "Ele deve ser adorado como Avimukta; pois esse eu infinito e não-manifestado está localizado em Avimukta."

2.2. "Onde o Avimukta está localizado?"

"Ele está localizado entre Varaṇā e Nāsī."[6]

"O que é Varaṇā? E o que é Nāsī?"

"Varaṇā recebe o seu nome do fato de que ela repele [*vārayati*] todos os erros cometidos pelos órgãos. Nāsī recebe o seu nome do fato de que ela destrói [*nāśayati*] todos os pecados cometidos pelos órgãos."

---

[1] Kurukṣetra é o antigo nome de uma planície perto da moderna Délhi, onde acredita-se que a batalha descrita no épico *Mahābhārata* tenha sido travada. Ele é considerado como solo sagrado e é chamado de *dharmakṣetra*, "o campo do *dharma*" (BhG 1.1), e um lugar de sacrifício, uma batalha justa sendo frequentemente reconhecida como um sacrifício.

[2] Avimukta significa literalmente "um lugar que nunca é abandonado (por Śiva)". Isso normalmente se refere a uma área especialmente sagrada dentro da cidade santa de Benares, mas também é usado com frequência para designar a cidade inteira. Porque Śiva nunca a abandona, os seus devotos também são aconselhados a nunca deixá-la. O nosso texto, seguindo a prática geral dessas Upaniṣads, explica o termo alegoricamente de várias maneiras. Avimukta é o Eu e, portanto, está localizado dentro do renunciante que conhece o Eu. O lugar onde ele reside se torna o verdadeiro Avimukta.

[3] Embora a pessoa não seja identificada, parece provável que o autor tenha um renunciante em mente.

[4] Ou seja, em Avimukta, aqui identificado como o lugar onde o renunciante está.

[5] Isso pode se referir à sílaba sagrada OṂ, que é identificada com Brahman, ou ao hino Śatarudrīya.

[6] Esses são os nomes dos dois rios que desembocam no Ganges ao norte e ao sul de Vārānasī (Benares). De acordo com uma etimologia derivada de similaridade fonética, o nome Vārānasī é formado pela combinação dos nomes desses dois rios. Os nomes dos rios são igualmente alegorizados recorrendo a etimologias baseadas na similaridade fonética entre Varaṇā e *vārayati* (afastando falhas) e entre Nāsī e *nāśayati* (destruindo pecados). Os rios e a cidade também são alegoricamente explicados como localizados no corpo do renunciante.

"Mas onde está localizado?"

"A junção [*saṃdhi*] entre as sobrancelhas e o nariz é a junção entre o mundo celeste e o outro mundo.[7] Os conhecedores de Brahman, portanto, adoram essa mesma junção [*saṃdhi*] como o seu culto crepuscular [*saṃdhyā*]. Ele[8] deve ser adorado como Avimukta. De fato, um homem que o conhece como tal proclama o seu conhecimento como Avimukta".[9]

3

Os estudantes vêdicos disseram a ele: "Diga-nos a oração cuja repetição leva à imortalidade?"

Yājñavalkya respondeu: "O Śatarudrīya.[10] Esses são verdadeiramente os nomes do imortal. Por meio deles, de fato, alguém se torna imortal."

"Isso é realmente assim, ó Yājñavalkya."

4

4.1. Então, Janaka, o rei de Videha, veio até Yājñavalkya e disse: "Senhor, explique a renúncia."

Yājñavalkya disse: "Depois que ele completou o seu período de estudos vêdicos, um homem deve se tornar um chefe de família. Depois de ter sido um chefe de família, ele deve se tornar um eremita da floresta. Depois de ter sido um eremita da floresta, ele deve renunciar. Ou, em vez disso, ele pode renunciar diretamente a partir dos estudos vêdicos, ou de casa, ou da floresta. Que ele renuncie no mesmo dia em que ele se tornar desapegado, independentemente se ele fez o voto ou não,[11] se graduou-se ou não,[12] e se ele acendeu o fogo sagrado ou não tem um fogo.[13]

4.2. "Aqui, alguns realmente fazem um sacrifício para Prajāpati.[14] Mas não se deve fazer isso. Deve-se realizar, pelo contrário, um sacrifício ao fogo, pois o fogo é verdadeiramente o sopro vital, e assim ele oferece à respiração. Que ele

---

[7] De acordo com os comentadores, "outro mundo" refere-se ao Mundo da Verdade, o mais alto dos mundos. O Mundo da Verdade está localizado acima da testa, enquanto os mundos inferiores, incluindo os mundos celestes diferentes do Mundo da Verdade, estão localizados abaixo das sobrancelhas.

[8] Essa declaração remete à observação inicial da resposta de Yājñavalkya referente ao Eu não-manifestado. Aqui, no entanto, a declaração pode ser destinada a incluir um homem que reconhece as identidades místicas referidas acima. Nele existe a verdadeira Vārānasī; ele é o verdadeiro Avimukta.

[9] O seu conhecimento é *avimukta* porque se relaciona ao Eu definido anteriormente como Avimukta, ou porque nunca é esquecido.

[10] Esse é um hino longo que contém cem nomes de Rudra-Śiva: Yajur-Veda Branco, cap. 16.

[11] "Voto" refere-se à iniciação vêdica. Assim, uma pessoa desapegada pode renunciar antes ou depois de sua iniciação.

[12] *Snātaka*, aqui traduzido como aquele que se formou na escola vêdica, é um jovem adulto que realizou a cerimônia (*samāvartana*) que conclui o período de estudos vêdicos. Essa cerimônia termina em um banho ritual, e daí o graduado é chamado de *snātaka*, "aquele que tomou o banho."

[13] Acender o fogo sagrado é uma referência indireta ao casamento, porque só um homem casado pode ter um fogo sagrado.

[14] Fontes registram dois costumes divergentes em relação a esse último sacrifício antes da renúncia. Algumas prescrevem que ele seja oferecido a Prajāpati. A Jābāla Upaniṣad rejeita essa prática e prescreve que o sacrifício seja oferecido a Agni, o deus do fogo.

execute apenas a oferenda de ‘Três Elementos’.[15] Estes são os três elementos: bondade, energia e escuridão.

4.3. "Esse é o seu devido lugar de nascimento
de onde nascido você brilhou.
Sabendo disso, ó fogo, monte-o,
e aumente a nossa riqueza. [VS 3.14; TS 1.5.5.2][16]

"Recitando esse mantra, que ele inale o fogo.[17] A respiração é de fato o local de nascimento do fogo. Ele declara o mesmo quando diz: 'Vá para a respiração, *svāhā*!'[18]

4.4. "Tendo trazido o fogo sagrado da aldeia,[19] que ele o inale como descrito anteriormente. Se ele não puder obter fogo, que ele ofereça a oblação em água, pois as águas são realmente todos os deuses. Ele deve oferecer a oblação com as palavras: 'Eu ofereço a todos os deuses, *svāhā*!' Ele deve então pegar um pouco dela e comer aquela oblação saudável misturada com ghee. Ele aprenderá assim que o mantra da libertação [ou seja, OṂ] é o Veda triplo. Esse é Brahman. Esse deve ser adorado."

"Isso é realmente assim, ó Senhor."

Assim disse Yājñavalkya.

5

5.1. Atri então perguntou a Yājñavalkya: "Eu lhe pergunto, Yājñavalkya, como um homem pode ser um brâmane quando ele não tem cordão sacrifical?"

5.2-3. Yājñavalkya respondeu: "Depois que ele come e bebe água, aquele próprio Eu se torna o seu cordão sacrifical.[20] Esta é a regra para vagueadores quando recorrem ao caminho dos heróis: não comer, se afogar, entrar em um fogo ou a grande jornada. Agora um vagueador[21] que usa roupas descoloridas, raspa a cabeça, não tem posses, é puro e sem inimizades, e subsiste de alimento dado como esmola, está apto para se tornar Brahman. Se um homem está em perigo mortal, ele pode renunciar mental ou oralmente.[22] Esse caminho foi revelado por Brahman, e ao longo desse caminho viaja um renunciante que conhece Brahman."

"Isso é realmente assim, ó Senhor."

---

[15] Esse é um rito associado nos Vedas à consagração de um rei (*rājasūya*). Um bolo de arroz e cevada é preparado em doze pratos e oferecido a Indra e Viṣṇu. De acordo com o *Śatapatha Brāhmaṇa* (5.5.5.1-6), ele é chamado de *Traidhātavī* ("composto de três elementos") porque os três Vedas foram recuperados do demônio Vṛtra por Indra e Viṣṇu. O nosso texto, no entanto, associa o nome às três vertentes (*guṇa*) da cosmologia Sāṃkhya.

[16] [Vājasaneyi Saṃhitā e Taittirīya Saṃhitā; Yajur Veda Branco e Preto respectivamente.]

[17] A tradução desse mantra aqui e em outros lugares vem, com pequenas modificações, da tradução de Keith da TS. "Inale o fogo" significa inalar a fumaça ou o calor do fogo.

[18] O renunciante diz essas palavras quando internaliza o fogo. Elas mostram que a respiração é o ventre ou o local de nascimento do fogo.

[19] Essa seção parece ser endereçada a um homem que não mantinha um fogo sagrado. Ele deve ou obter o fogo de uma pessoa que tenha um ou fazer a oferenda na água.

[20] O comer e o beber podem se referir ao consumo da oblação mencionada no final da seção anterior.

[21] Isto é, se ele decidir continuar a viver.

[22] Uma pessoa fica em perigo de morte iminente (*ātura*) por causa de uma doença ou quando ela é atacada por ladrões ou animais selvagens. Em um momento assim se pode renunciar dizendo o mantra "eu renunciei" ou oralmente ou mentalmente. Esse procedimento é conhecido como *āturasaṃnyāsa*.

Assim disse Yājñavalkya.

6

6.1. Desses,[23] os Paramahaṃsas são homens como Saṃvartaka, Āruṇi, Śvetaketu, Durvāsas, Ṛbhu, Nidāgha, Jaḍabharata, Dattātreya e Raivataka, que não têm emblema visível,[24] que mantêm sua conduta oculta e que, embora sejam sãos, se comportam como loucos.

6.2. Bastão triplo, pote de água, eslinga,[25] tigela, coador de água,[26] topete, cordão sacrifical: abandonando tudo isso na água com as palavras: "Terra *svāhā*", que ele busque o Eu.

6.3. Ele está vestido como ele estava ao nascer. Ele é indiferente aos pares de opostos.[27] Ele não tem posses. Ele está firmemente estabelecido no caminho de Brahman. A sua mente é pura. Apenas para manter sua vida, ele pede comida aleatoriamente na hora prescrita, usando o seu estômago como uma tigela de mendicância[28] e permanecendo inalterado quando recebe e quando não recebe. Em casas abandonadas, em templos, em montes de feno, ao lado de formigueiros, ao pé de árvores, em galpões de oleiros, em galpões para sacrifícios de fogo, em margens arenosas de rios, em cavernas de montanhas, em vales, nos ocos das árvores, em locais solitários, ou em campos abertos, ele vive sem um lar. Ele não se esforça. Ele é altruísta. Ele se dedica totalmente a meditar no puro Brahman. Ele está estabelecido no Eu Supremo. Ele é dedicado à erradicação de atos impuros. Tal homem que abandona o seu corpo através da renúncia é chamado de Paramahaṃsa.

---

[23] A referência é provavelmente aos ascetas em geral, que foram tema das seções anteriores.

[24] O emblema de um renunciante comum consiste em artigos como bastão, tigela de mendicância, fio sacrifical e topete. Os Paramahaṃsas abandonam esses e vivem sem símbolo externo de seu estado.

[25] Uma eslinga é feita com cordas e é semelhante em forma a um gancho de panelas. Ela é amarrada ao bastão e é usada para transportar o pote de água.

[26] O uso do filtro de água antes de beber salva a vida de insetos e outras pequenas criaturas que vivem na água.

[27] Esses pares são calor e frio, dor e prazer, e assim por diante.

[28] "Aleatoriamente" significa que ele não seleciona com antecedência as casas que visitará. A hora adequada para mendigar é o final da tarde, quando as pessoas já terminaram suas refeições.